



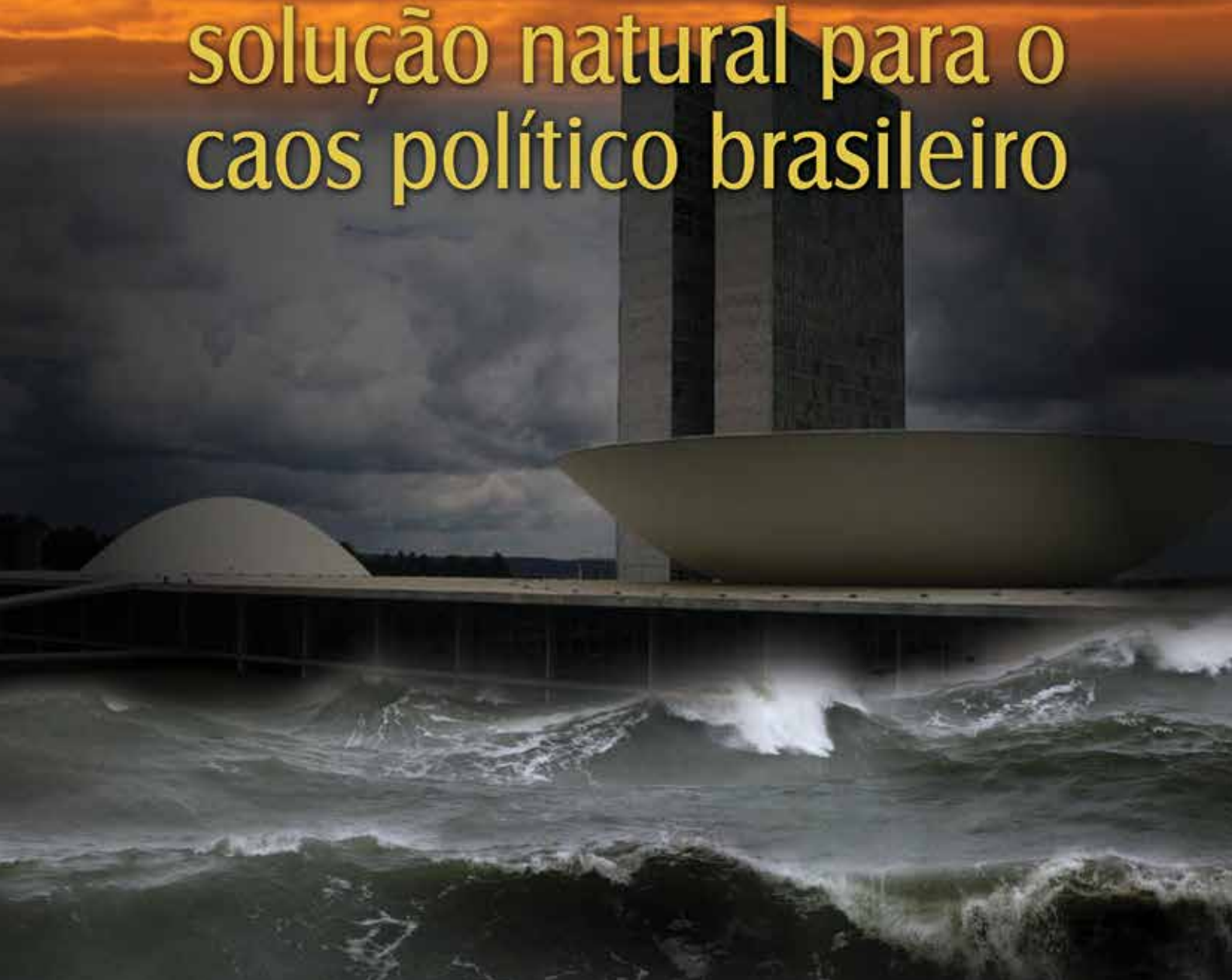
HERDEIROS DO PORVIR

Ano XX – Nº 36
Janeiro/Fevereiro/Março 2014
Distribuição gratuita

RETROSPECTIVA 2013

MONARQUIA

solução natural para o
caos político brasileiro





Ordem de Pedro I

Continuando a explanação sobre as Ordens portadas por D. Luiz na capa do “Herdeiros do Porvir” nº 34, apresentamos aqui um resumo do que expõe, acerca da Ordem de Pedro I, o livro “Ordens Honoríficas do Brasil”, de Luiz Marques Poliano.

Tal Ordem foi criada por decreto de 16 de abril de 1826 para comemorar a Independência do Brasil. Constituía-se, por esse decreto, de 100 cavaleiros, 50 comendadores e 12 grã-cruzes. Os membros da Família Imperial seriam grã-cruzes, mas tanto esses como os estrangeiros faziam parte da Ordem como membros supranumerários.

Essa insígnia é chamada de “Ordem do Dragão” por Debret. É constituída por um dragão de asas estendidas à esquerda e linguado de vermelho, sainte de uma “coroa antiga”, esmaltada de branco, perfilada e maçanetada de ouro; sobre o peito, pendente de duas correias azul-claro, um escudo verde perfilado de ouro com as iniciais “P. I.” do mesmo metal. Contornando as asas, duas fitas de verde perfiladas de ouro com a legenda “Fundador do Império do Brasil”, sobre ramos de café folhados e frutificados de sua cor. Tudo decorado com a Coroa imperial forrada de verde. No reverso, com as mesmas características, mudam apenas as inscrições do escudo e da fita, que são respectivamente: “16/IV/1826” e “Ao reconhecimento do Império do Brasil”. Fitas e bandas verdes orladas de branco completam a condecoração.

HERDEIROS DO PORVIR

Publicação da Pró-Monarquia,
entidade civil sem fins lucrativos.

Rua Itápolis, 873 – CEP 01245-000 – São Paulo – SP
Tel./Fax: (11) 3822-4764

www.monarquia.org.br – e-mail: herdeirosdoporvir@monarquia.org.br

Diretor Responsável: Osvaldo Rocco

Jornalista Responsável: Yone P. Caldeira (MTB 17354)

Redator Chefe: Geraldo Hélon Winter

Diagramação: Luis Guillermo Arroyave

Impressão: Grafilar – Gráfica e Editora do Lar Anália Franco

D. Luiz agradece convite para a beatificação da Venerável Rainha D. Maria Cristina de Savoia

O Príncipe D. Luiz de Orleans e Bragança dirigiu carta de felicitações aos organizadores da cerimônia de Beatificação da Rainha D. Maria Cristina Carlota Josefina Caetana Elisa de Savoia, ocorrida em Nápoles, Itália, em 25 de janeiro último, e que contou com a presença de numeroso público monarquista. A virtuosa princesa morreu aos 23 anos. Eis a íntegra da missiva:

São Paulo, 24 de janeiro de 2014.

Eminentíssimo e Reverendíssimo Senhor

Dom Crescenzo Sepe,

DD. Cardeal-Arcebispo de Nápoles

Reverendíssimos Frades Menores da Província Napolitana do Santíssimo Coração de Jesus

Excelentíssima Senhora Stefania Rolla Pensa,

DD. Presidente do Convegno di Cultura Maria Cristina di Savoia

Agradecendo o convite recebido para o Sacro Rito de Beatificação da Venerável Maria Cristina de Savoia, a realizar-se no dia 25 de janeiro na Basílica de Santa Clara de Nápoles, venho, em meu nome e no de toda a Família Imperial Brasileira, congratular-me vivamente com as autoridades eclesiásticas e com a gente napolitana pela solene proclamação das virtudes da insigne Rainha.

Aprove a Deus Nosso Senhor chamá-la ainda jovem, entretanto já ornada com as reluzentes qualidades que o povo napolitano desde logo aclamou.

Por seu casamento com o Rei Fernando II das Duas Sicílias, a Rainha Maria Cristina tornar-se-ia postumamente imbricada com a Dinastia brasileira: sua cunhada D. Teresa Cristina casou-se com o Imperador D. Pedro II e seu cunhado D. Luís Carlos com a Princesa D. Januária, irmã daquele; duas gerações depois, uma neta do segundo casamento de seu esposo, a Princesa D. Maria Pia, casar-se-ia com meu avô o Príncipe D. Luiz de Orleans e Bragança.

É, pois, com particular carinho que nos associamos ao júbilo de quantos desejaram essa proclamação, por ela trabalharam ou pela Venerável foram favorecidos, em ver assim passar a brilhar no firmamento da Santa Igreja mais este luminoso e próximo exemplo de santidade de vida.

Desejando a essa solene celebração todo o brilho e unção, rogo a bênção episcopal e orações para o Brasil, para mim e minha Família.

Dom Luiz de Orleans e Bragança,
Chefe da Casa Imperial do Brasil





Príncipe entre os Profs. Rui de Figueiredo Marcos (esq.) e Manuel Porto



Público acompanha conferência



Com estudantes brasileiros em Coimbra

D. Bertrand visita Portugal

O Príncipe Imperial do Brasil, D. Bertrand de Orleans e Bragança, esteve em Portugal em dezembro último para proferir conferências na Universidade de Coimbra e em duas tradicionais associações de Lisboa, a Sociedade Histórica da Independência de Portugal e o Real Club Tauromáquico. O tema abordado nas três conferências foi “A devoção à Imaculada Conceição na História de Portugal e do Brasil”. Nas três instituições houve grande assistência e as observações histórico-teológicas do Príncipe deixaram profundas impressões.

Em Coimbra, D. Virgílio do Nascimento Antunes, Bispo-Conde da antiquíssima diocese (já existente no tempo dos romanos), comen-

tu ser pura doutrina católica tudo quanto ouvira na exposição. Na Sociedade Histórica da Independência de Portugal foi descerrada uma placa comemorativa da visita do príncipe brasileiro. A Sociedade tem sede no belíssimo Palácio dos Condes de Almada, no qual, em 1640, foi preparada a ascensão da dinastia de Bragança que sucedeu o período filipino. O aristocrático Real Club Tauromáquico Português abriu suas portas mais uma vez para ouvir o Príncipe Imperial do Brasil, que foi saudado calorosamente pelo Conde de Lavradio, D. António de Almeida Correia de Sá. Após a palestra foi oferecido ao visitante um tradicional jantar lusitano.

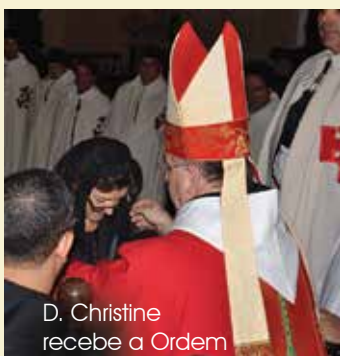
A visita de D. Bertrand a Lisboa e Coimbra mais uma vez demonstrou a grande admiração que a Casa Imperial do Brasil desperta em terras lusitanas.



D. Christine e D. Antonio entram em cortejo



D. Antonio durante Investidura



D. Christine recebe a Ordem

D. Antônio e D. Christine investidos na Ordem do Santo Sepulcro

O Príncipe D. Antônio de Orleans e Bragança e sua esposa, D. Christine de Ligne, foram investidos como Cavaleiro e Dama na Ordem Equestre do Santo Sepulcro de Jerusalém, em cerimônia realizada durante a celebração do Santo Sacrifício da Missa, em 26 de novembro último, no Mosteiro de São Bento, em Salvador. Ambos tiveram como padrinho o Príncipe D. Bertrand, também presente, o qual já era membro da Ordem. Na mesma ocasião foram investidas outras 15 pessoas, entre as quais D. Ângelo Alves de Oliveira O.S.B., o Ministro Renato Mosca e o Embaixador Antônio Carlos da Silva Coelho.

As origens da Ordem Equestre do Santo Sepulcro de Jerusalém remontam à Primeira Cruzada (1095), quando seu líder, Godofredo de Bouillon, restituiu a Jerusalém sua antiga condição de cidade cristã. Na reorganização que fez dos corpos religioso, militar e administrativo dos territórios recém-libertados, criou a Ordem dos Cónegos do Santo Sepulcro. Segundo os registros das Cruzadas, em 1103 o primeiro rei de Jerusalém, Balduino I, assumiu a chefia dessa Ordem canônica e reservou, para si e para os seus sucessores (como agentes do Patriarca de Jerusalém), a prerrogativa e o direito de nomear os Cavaleiros dessa Ordem, no caso de ausência ou impossibilidade do Patriarca. Em 1847 o Patriarcado foi restaurado e o Papa Beato Pio IX restaurou a Ordem, dando-lhe uma nova Constituição que a colocava sob proteção direta da Santa Sé e lhe conferia o governo ao Patriarca Latino de Jerusalém. O papel fundamental da Ordem ficou também definido: ajudar nas obras do Patriarcado Latino de Jerusalém, preservando a obrigação espiritual de propagar a Fé. Hoje a Ordem está presente no mundo todo, com 56 lugar-tenências e 23 mil membros.

Reinaugurada estátua de D. Pedro II em Fortaleza

Com a presença de três membros da Família Imperial do Brasil – D. Antônio de Orleans e Bragança, de seu irmão D. Fernando e a esposa deste último, D. Maria da Graça – foi reinaugurada na Praça Caio Prado, no centro de Fortaleza, em 2 de dezembro último, a centenária estátua de D. Pedro II, com farda de Almirante, de autoria do escultor Augusto Maillard.

O evento foi iniciativa da Prefeitura de Fortaleza juntamente com um grupo de monarquistas. Durante a cerimônia foi ressaltada a importância da homenagem ao Imperador, ainda lembrado no Ceará pelo auxílio concedido ao Estado na seca de 1888 e por ser defensor do abolicionismo. O evento faz parte de uma série de outras homenagens realizadas em comemoração dos 125 anos da Abolição da escravatura.

A Prefeitura de Fortaleza promoveu, além da restauração da estátua, ampla reforma do local, situado em frente à Catedral de Fortaleza. Originalmente a estátua foi inaugurada em 7 de setembro de 1913 pela Associação dos Jornalistas Cearenses.

A presença da Princesa D. Maria da Graça de Orleans e Bragança teve especial significado, pois ela é filha de pais cearenses.



RETROSPECTIVA 2013

Monarquia, solução natural para o caos político brasileiro

OSVALDO ROCCO

O ano de 2013 se tornou um divisor de águas no panorama político nacional. As manifestações ocorridas em junho evidenciaram um descontentamento sem precedentes da população, sobretudo jovem, com relação à classe política. Ao mesmo tempo em que a indignação popular atingia seus píncaros, crescia o desejo nostálgico pela volta de um regime em que se governava com seriedade, em que o interesse público estava acima do particular ou partidário, e o bom exemplo do Monarca guiava toda a sociedade. As ondas dessa guinada puderam ser sentidas não só pelas incontáveis mensagens recebidas pelo site oficial da Casa Imperial, de círculos e blogs monárquicos espalhados pelo país, mas também por pesquisa organizada pelo site *Terra*, em que votação espontânea indicou a preferência de 82% pela volta da Monarquia.

A atuação do Chefe da Casa Imperial, D. Luiz de Orleans e Bragança, e de seus irmãos, D. Bertrand, D. Antônio e sua esposa, D. Christine e filhos, foi marcante durante todo o ano de 2013. Seriam necessários vários números de “Herdeiros do Porvir” para relatá-la. Mas o ano começou com a extraordinária notícia que colocou a Monarquia brasileira em destaque até na mídia internacional: a exumação feita pela arqueóloga e historiadora Valdirene do Carmo Ambiel dos restos mortais de D. Pedro I e das Imperatrizes D. Leopoldina e D. Amélia, no Mausoléu da Independência, em São Paulo, desvendou enigmas e revelou fatos até então nebulosos a respeito da vida de nossos Imperadores. Seus despojos foram analisados em aparelhos de última geração na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, e os dados recolhidos permitirão no futuro reconstituir suas fisionomias, seu modo de andar e até sua voz. O assunto esteve em pauta durante semanas em todos os meios de comunicação, repercutindo particularmente em Portugal, na Inglaterra, nos Estados Unidos e até mesmo na longínqua China.

Na Europa, a Monarquia brasileira também ganhou destaque com a entrevista concedida à revista da Bélgica “L’Eventail” por D. Christine, natural daquele país. Entre outros assuntos, a princesa explicou como conheceu o marido: *“Nós nos encontrávamos ocasionalmente em reuniões familiares, porque somos primos pelos Bragança e Baviera. Então, quando meu irmão Michel ficou noivo da Princesa Eleonora, irmã de meu marido, nós nos encontramos com mais frequência, especialmente quando ele estava trabalhando na Europa. De minha parte, fui para a América do Sul com um dos meus primos Habsburgo. Em meu retorno, Antônio, que havia sido transferido para Erlangen como engenheiro de energia nuclear, logo foi chamado de volta ao Brasil por sua empresa. Ele teve que tomar uma decisão. Éramos de famílias com a mesma origem e compartilhávamos os mesmos valores, então as coisas tomaram seu curso e ficamos noivos em junho de 1981, para nos casarmos em setembro”*.

Ainda na Bélgica, a citada Princesa D. Eleonora e seu marido Príncipe Michel de Ligne abriram as portas de sua residência, o castelo de



D. Luiz

Beloil, para celebrar a chegada da primavera. Nesse castelo — onde D. Christine nasceu e passou boa parte de sua adolescência — celebra-se há 25 anos o tradicional Festival Amaryliss, em que milhares de arranjos florais são harmonicamente distribuídos. Devido ao grande sucesso da iniciativa, o concurso passou a ser patrocinado pela Casa Real belga.

Nas comemorações dos 125 anos da assinatura da Lei Áurea, em maio, a Princesa Isabel não poderia deixar de ser lembrada. Em sessão solene realizada na Câmara Municipal do Rio de Janeiro estiveram presentes D. Antônio e D. Christine, representando o Chefe da Casa Imperial, Príncipe D. Luiz. O Vereador Cesar Maia discursou para um plenário repleto, e ao final D. Christine foi agraciada com uma estatueta da Redentora e um belo arranjo de camélias, a flor símbolo da Abolição.

D. Antônio também representou a Família Imperial na festa de Nossa Senhora da Glória, realizada na Igreja da Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, no Rio, em agosto. O templo é considerado uma das joias da arquitetura colonial do Brasil. Entre as atividades alusivas à data, houve uma encenação recordando a concessão do título de Imperial à Irmandade, pelo Imperador D. Pedro II.

O cuidado com os doentes, pobres e desvalidos, sempre foi uma constante nas monarquias cristãs. Essa tradição é mantida com zelo pelos príncipes brasileiros. Assim, D. Antônio visitou o Orfanato Santa Rita de Cássia (RJ), onde 80 crianças são assistidas pelas Irmãs Franciscanas da Congregação de Nossa Senhora do Bom Conselho. No mesmo sentido, D. Bertrand visitou o Asilo São Luiz, em Caeté (MG), mantido

pela Congregação das Irmãs Auxiliares de Nossa Senhora da Piedade, e ali levou uma palavra de conforto aos idosos.

Ao longo do ano os príncipes foram homenageados por todo o Brasil. Em São Paulo, por exemplo, D. Bertrand recebeu a medalha da Ordem do Mérito Militar no grau de Comendador, das mãos do



D. Bertrand

Comandante Militar do Sudeste, General Adhemar da Costa Machado Filho, em reconhecimento pelos relevantes serviços que vem prestando à nação.

Em maio, D. Luiz, impossibilitado de comparecer à cerimônia de beatificação de Francisca de Paula de Jesus (Nhá Chica) em Baependi (MG), enviou aos organizadores do evento carta agradecendo o convite. Alguns trechos: *“Venho, em meu nome e no de toda a Família Imperial, congratular-me com as autoridades eclesiásticas e com a gente baependiense pela solene proclamação das virtudes da Venerável. [...] Durante muito tempo o Brasil católico — a Terra de Santa Cruz — sentiu a ausência de santos brasileiros reconhecidos. Afortunadamente eles vêm chegando, como a manifestar o desvelo da Providência em que nossa Nação conte, nesta quadra histórica, com mais intercessores. E Nhá Chica é muito genuína e caracteristicamente brasileira, por suas origens, seu temperamento, sua bondade, sua Fé singela e íntegra”*.

Em junho realizou-se no Rio de Janeiro o XXIII Encontro Monárquico, com participantes de todo Brasil. Tradicionalmente esse encontro junino é o principal evento monárquico brasileiro, em que se comemora a data natalícia de D. Luiz com Missa solene. Estiveram presentes e discursaram D. Bertrand, D. Antônio, D. Christine e seu filho, D. Rafael. Este último tratou do interessante tema “liderança”: *“O Brasil tem necessidade de um líder de valores e princípios. O líder de uma nação deve buscar sempre seu desenvolvimento e crescimento em busca de um bem maior. Deve buscar que seus liderados estejam satisfeitos e que tenham os meios necessários para que esse desenvolvimento aconteça. Acredito que também nós devemos ser líderes. Que sejamos líderes todos nós, e que lideremos nossos grupos de movimentos com ética, princípios, valores morais, para que consigamos também alcançar nosso objetivo, que é a restauração da Monarquia neste nosso País, que tanto amamos”*. Outros quatro conferencistas se revezaram tratando de temas como política nacional, economia, arte e história. Ao longo do ano vários encontros regionais foram também realizados por líderes monarquistas, sempre com a presença dos príncipes, como o promovido pelo Círculo Monárquico de Minas, de Nossa Senhora do Desterro/SC, do Norte-Nordeste etc. Além disso, os membros da Família Imperial viajaram por todo país, convidados a fazer palestras em universidades, escolas, Câmaras Municipais, ou para grupos monarquistas.

Ainda em junho, temendo o envolvimento de monarquistas em atos de protestos legítimos, mas naquele momento encabeçado por lideranças desconhecidas e não confiáveis, D. Luiz achou por bem autorizar a divulgação do seguinte comunicado: *“Pró Monarquia comunica que S.A.I.R. o Príncipe D. Luiz de Orleans e Bragança, Chefe da Casa Imperial do Brasil, em vista da onda de protestos que se generaliza por todo o País, refletindo um fundo de insatisfação geral e evidenciando que pode haver nos bastidores quem esteja procurando tirar proveito desses acontecimentos, e ademais considerando o risco de envolvimento em atos de anarquismo, julga que a prudência impõe aos monarquistas absterem-se de qualquer participação em tais manifestações”*. As arruaças e atos de vandalismo que eclodiram por todo o país durante semanas mostraram o acerto do comunicado.

Ainda no auge da efervescência das manifestações populares, D. Bertrand, colaborador na seção “Tendências e Debates”, do jornal “Folha de S. Paulo”, escreveu artigo intitulado “Improvisação, aventura e caos”, no qual manifestou sua preocupação com movimentos reivindicatórios lícitos, mas capitaneados por minorias radicais que visavam impor o que denominou de “democracia direta das ruas”. Sob o pretexto de baixar a tarifa dos ônibus em 20 centavos e acabar

com a corrupção no governo, tais grupos passaram a demandar, segundo o príncipe, *“um difuso despotismo, contrário à propriedade, destruidor da família, propugnador de estilos de vida alternativos e com notas crescentes de militância anticristã”*. Ou seja, nada tendo a ver com os originários motivos das manifestações. Prosseguiu D. Bertrand: *“A realidade no Brasil é sempre mais complexa do que a imaginam certos profissionais do caos. Tais ondas de choque vieram de encontro a um difuso e calado, mas autêntico e profundo descontentamento que, de há muito, fermenta na opinião pública. Em nossa cambaleante democracia, os reais anelos do ‘homem da rua’ são ignorados pelo mundo político, e os debates sobre temas de interesse nacional, bem como os processos eleitorais são reduzidos a cambalachos de bastidores”*. E concluiu afirmando que a imensa maioria de nossos conterrâneos quer segurança e não aventuras.

Ao longo do ano D. Luiz foi solicitado a dar entrevistas para os mais variados meios de comunicação. Reproduzimos a seguir trechos da concedida ao jornal “Gazeta do Povo”, de Curitiba, em setembro. Sendo-lhe perguntado se a monarquia seria o melhor regime para o Brasil, respondeu: *“A monarquia é o regime que melhor corresponde à boa ordem colocada por Deus na Criação, garantindo as três condições básicas para a existência e desenvolvimento de uma Nação: unidade, estabilidade e continuidade. Prevaleceu largamente ao longo da história dos povos civilizados. Ano após ano*

os primeiros lugares nos índices de renda per capita e do IDH são ocupados por monarquias. Durante o 2º Reinado, o Brasil foi um dos países mais respeitados do mundo, com instituições sólidas, moeda estável, crescimento acelerado e grande prestígio do Imperador D. Pedro II, que chegou a ser árbitro de litígios entre potências europeias”.

Também não passou despercebido a D. Luiz o perigo representado pela “importação” de médicos cubanos. Em comunicado de imprensa, depois de manifestar-se apreensivo com a situação política do país, afirmou: *“Aumenta em considerável parte de nossa população — afável, ordeira e laboriosa — o sentimento de inconformidade e rejeição ante os crescentes desmandos de algumas de nossas mais altas autoridades, obstinadamente comprometidas com metas ideológicas avessas ao sentir da alma cristã de nosso povo. O País assiste nestes dias, estupefato e incrédulo, ao que algumas vozes ponderadas já não hesitam em qualificar de um moderno tráfico de escravos ideológicos. A classe médica e considerável parte da população vê com aversão a vinda para o nosso País de médicos cubanos como*



D. Antônio e
D. Christine



D. Eleonora com seu marido Príncipe Michel e filhos

'solução' para um sistema estatal de saúde em boa medida falido, devido ao descaso do próprio governo. Enviados para o Brasil — a mando das autoridades que há décadas envolvem a outrora pérola do Caribe nesse ambiente obscuro, miserável e trágico, típico das nações-masmorras sobre as quais se abateu o comunismo — tais médicos são massa de manobra de inconfessados designios. [...] Não é difícil conjecturar que alguns aqui desembarcarão como agentes da ideologia socialo-comunista vigente em Cuba, como tem acontecido em países como a Venezuela e a Bolívia. Muitos aqui ficarão confinados em seus locais de trabalho, sem que seja clara a garantia de sua liberdade de ir e vir, bem como de outros princípios básicos de nosso Estado de Direito. Isso para não mencionar que parte do pagamento deste trabalho escravo hodierno será enviado pelas autoridades brasileiras às autoridades do regime cubano. [...] Urge que os brasileiros abandonem certa inércia desavisada na qual se encontram e se articulem para fazer refluir as ameaças que vão baixando sobre o País. É neste sentido que elevo minhas preces a Nossa Senhora Aparecida, a quem Dom Pedro I consagrou o Brasil, logo após nossa Independência, como Padroeira e Rainha”.

Em dezembro, D. Bertrand visitou Portugal, onde fez conferências na Universidade de Coimbra, no Real Club Tauromáquico Português e na Sociedade História da Independência de Portugal (detalhes na p. 3).

No decurso do ano D. Bertrand prosseguiu a série de lançamentos de seu livro “*Psicose Ambientalista – Os bastidores do ecoterrorismo para implantar uma ‘religião’ ecológica, igualitária e anticristã*”. Bem



D. Rafael

documentada, a obra denuncia a maneira exagerada, catastrofista e sem base científica séria com que é apresentado o aquecimento global pelos ambientalistas, para justificar seus fins contrários aos interesses do Brasil. O livro — lançado sucessivamente em Belo Horizonte, Brasília, Campo Grande, Curitiba, Goiânia, Florianópolis, Fortaleza, Manaus, Porto Alegre, Rio de Janeiro, São Luís, Paracatu (MG), Pelotas (RS) e Unai (MG) — mostra também que os inimigos da propriedade particular e da livre iniciativa, “desempregados” dos fracassados movimentos de esquerda, aboletaram-se em ONGs e organizações ecológicas, mudando apenas sua coloração: de vermelhos para verdes.

Em mensagem de fim-de-ano, D. Luiz dirigiu as seguintes palavras a seus fiéis seguidores: “*Durante todo 2013 tive a alegria de conhecer leis monarquistas que me enviaram mensagens pelo site da Casa Imperial, que me vieram visitar ou que mandaram recomendações através de meus irmãos, especialmente D. Bertrand e D. Antônio, em viagens pelo Brasil afora. Conheci assim o trabalho destes bravos conterrâneos, sua dedicação e seu desprendimento. Constatei que nossas fileiras multiplicaram-se surpreendentemente e que podemos e vamos fazer muito mais juntos, apesar de o Brasil estar sofrendo inúmeros embates e a impressão de que, por toda parte, seus inimigos se agigantam. Agradeço a todos a imensa ajuda no sentido de manter intacta a Terra de Santa Cruz em sua integridade, em sua riqueza, em sua brasilidade, especialmente em sua Fé. Em meu nome e de toda Família Imperial desejo a todos um Feliz e Santo Natal, e que o Ano Novo seja abençoado com as melhores graças do Menino Jesus e de sua Santíssima Mãe*”.

Círculo Monárquico Brasileiro inaugura sede em Natal

GERALDO HÉLSON WINTER

Com a presença de numeroso público, foi inaugurada em Natal, no dia 18 de janeiro de 2014, a primeira Sede Regional do Círculo Monárquico do Rio Grande do Norte, sendo empossado no cargo de Comissário Regional o Sr. Pedro Amaury Candéas. Prestigiaram a cerimônia e discursaram os Srs. Rodrigo Cavalcanti Felipe, Coordenador Nacional dos Voluntários da Pátria e Membro Fundador do Grande Conselho do Círculo Monárquico Brasileiro; Manoel Eduardo, Assessor da Presidência da Assembléia Legislativa do RN; Luiz Gonzaga de Miranda, médico e responsável pelo Grupo Brasil Monarquia Ordem e Progresso, de João Câmara/RN; Gerson Fernandes, Presidente da Associação Cultural Futuro do Bairro Nordeste; e Givanildo do Nascimento, Presidente do Conselho Comunitário Novo Horizonte.

As festividades tiveram início pela manhã, com a saudação à Bandeira Monárquica realizada pelas crianças monarquistas do RN

e pela Banda Mirim da cidade, que em seguida fizeram desfile pelas ruas do bairro portando faixas e bandeiras do Império.

À tarde ocorreu a solenidade oficial de inauguração e posse. Primeiramente fez uso da palavra o professor e historiador Rodrigo Cavalcanti sobre o que foi na verdade o Brasil durante o período monárquico; o orador discorreu sobre as principais figuras do nosso Império e os atuais herdeiros do trono, explicando a seguir como funciona um Sistema Monárquico Parlamentarista.

Em seguida deu-se a posse do Sr. Candéas, o qual saudou os presentes e afirmou que sempre foi monarquista, mesmo quando não se podia falar sobre o assunto no Brasil. Ressaltou que se sentia honrado em receber a referida nomeação, mas que já realizava esse trabalho junto ao Grupo Brasil Monarquia Ordem e Progresso/RN, que criara e viu espalhar-se por municípios vizinhos. Disse também que o espaço recém-inaugurado será a partir de agora um local onde os monarquistas poderão se reunir e trocar ideias. Agradeceu a confiança de todos e os convidou a se integrarem na divulgação da Monarquia com material propagandístico fornecido gratuitamente por ele. Ato contínuo, serviu-se um coquetel de confraternização.

Informado do acontecimento, D. Luiz enviou aos monarquistas potiguares a seguinte mensagem: “*Desejo a todos muitas felicidades e sucesso na luta em prol da restauração da Monarquia em nossa querida Pátria*”.



Pedro Amaury Candéas



Pedro Amaury (esq.), Maria Jandir Candéas e Rodrigo Cavalcanti Felipe



Bandeira Imperial no alto da sede do CMB





Vista parcial do auditório


Por que sou monarquista?


PE. DANIEL-ANGE


O presente texto nos foi enviado pelo Prof. Bernard Barrandon, distinto amigo e colaborador de “Herdeiros do Porvir”. Seu autor é o Pe. Daniel-Ange, sacerdote e escritor franco-belga, autor de mais de 60 livros e internacionalmente respeitado como intelectual. Extraímos, de seu artigo publicado em “La France Catholique”, de 26/7/2013, sobre a recente sucessão do trono belga, alguns tópicos que interessam, de modo especial, ao público brasileiro. O título “Por que sou monarquista?” e a tradução são de responsabilidade da redação deste boletim.


 **1.** O Príncipe herdeiro é, desde a infância, preparado para sua função, é educado e recebe formação específica de longo alcance, é iniciado no exercício de sua função, durante anos, por seu pai. Durante anos a fio ele exerce numerosas missões diplomáticas, assume compromissos públicos e participa de recepções oficiais. É, ademais, assessorado por diversos conselheiros políticos. Está, pois, sempre perfeitamente a par da atualidade nacional e internacional.


 **2.** O povo o conhece desde seu nascimento e o acompanhou durante todo o seu crescimento, em sua lenta maturação. Não é um indivíduo que aparece de repente, ninguém sabendo bem de onde veio.

 **3.** O rei está acima de todas as querelas, mesquinhas, corrupções e rivalidades dos partidos políticos. Nessa matéria, ele é totalmente isento. Sendo de todos, ele pode, verdadeiramente, ser o representante de seu povo, ou melhor, a personificação dele. Seria impensável um rei partidário. Ele está fora e acima dos partidos.

 **4.** Um rei é recebido e acolhido, porque ele nos é dado. Normalmente, isso se dá sem contestação. Não é o resultado matemático de uma implacável, feroz e mortífera batalha eleitoral, que custa somas exorbitantes, nas quais os candidatos apregoam promessas falaciosas (que, sabe-se muito bem, não poderão ser cumpridas) e metralham seus adversários, sujando-os com maledicências e calúnias, já que nessa guerra todos os golpes baixos são permitidos. Isso envergonha um país. Numa batalha eleitoral, a vitória só é obtida com maioria de no máximo algumas centenas de milhares de votos, e muitas vezes graças às numerosas abstenções. Trata-se de uma “vitória” que tem um custo: metade do povo fica vencida, humilhada, amargurada, quando não revoltada. Como tal “vencedor” ousa pretender, logo depois, ser o representante de toda a nação, o presidente de todos? Isso não é humano, é contra a natureza.

 **5.** Os presidentes se sucedem em rápida cadência. Os regimes desabam, uns após os outros. Os governos são sem cessar remanejados, dançam os ministros, são regularmente dissolvidas as câmaras. Os programas sociais e econômicos, as políticas educacionais e diplomáticas não cessam de mudar, ao sabor dos caprichos de cada ministro. Numa República, nada é estável. Ninguém garante a continuidade nem a estabilidade, ninguém vela pela fidelidade ao patrimônio nacional, à herança dos séculos, à história da nação. Por vezes, mesmo, estão pouco ligando para essas coisas. Mal está sendo reconhecido o mérito de um presidente, já seu mandato acabou. E, quando o presidente é ruim, esqueçam-se os desgastes, na espera impaciente de eleições. Em resumo, presidentes e governos passam. O Rei, como a nação, é permanente.


 **6.** Os presidentes têm necessidade de muito tempo para se situar na função e para compreenderem o país, tanto na sua história como na sua atualidade. Mas, mal acabaram de fazer isso, já recebem um “fora!” e um novo aparece para recomençar tudo a partir do zero. Em escala mais reduzida, o mesmo acontece com ministros, prefeitos, embaixadores. Como é possível mudar todos eles de poucos em poucos anos? Mal estão começando a conhecer a fundo seu campo de atuação, sua região ou o país em que estão servindo, já são postos fora e vêm outros...


 **7.** A monarquia constitucional de nossos dias coloca o soberano ao abrigo de qualquer desvio arbitrário, de qualquer veleidade ditatorial, já que ele não pode se arrojar nenhuma




Família Real belga

prerrogativa não estabelecida na Constituição, da qual ele é tão-somente o intérprete e o avalista. Pelo contrário, o sistema eleitoral republicano de modo algum protege um presidente contra a tentação de um totalitarismo ideológico ditatorial ou tendente à ditadura, do que temos nós amarga experiência nesta França, que tanto se gaba dos “direitos do homem”.

 **8.** Um rei não governa: ele reina. Mesmo assim, ele desempenha um papel decisivo e magistral na política, unicamente por sua autoridade moral, pela ascendência que lhe vem da sua longa experiência, conferindo-lhe uma sabedoria e um discernimento das pessoas e das situações que, na classe política, todos unanimemente reconhecem. A dimensão espiritual e moral o coloca acima de sua função. O poder de um rei decorre mais de sua envergadura moral do que dos estatutos jurídicos do país. E sua influência pessoal sobre partidos e políticos é reforçada por sua popularidade: ele leva o povo consigo. Isso é, para ele, até mesmo uma exigência imperativa. Se ele quer ter uma verdadeira influência política, deve estar à altura de seu cargo, deve ser perfeitamente digno de sua função. Em resumo, deve ser o mais inatacável possível. Somando-se à sua legitimidade, a integridade pessoal do soberano é a garantia de sua autoridade. Mas, por outro lado, sua legitimidade não fica na dependência da sua popularidade. Ele não é como um presidente, submetido de mãos e pés atados, às sondagens de opinião e aos índices de popularidade. A liberdade do rei é, no sentido próprio da expressão, uma liberdade real. Do ponto de vista político, ele é correto, sem ser escravo de pequenos *lobbies*, ou de grandes magnatas da mídia que fabricam a pseudo-opinião pública. Ele é Soberano. Sua autoridade decorre da sua vida interior.

 **9.** O rei não é um indivíduo isolado. Ele é parte de uma família. É inseparável não só de sua esposa, como também dos filhos, irmãos, irmãs, primos. É toda a Família Real que “desde sempre” é conhecida. Esse fato dá à vida de um povo uma dimensão familiar muito forte. Daí também a exigência, para o soberano, de ter uma vida familiar inatacável, verdadeira escola de santidade para ele.

 **10.** Por fim, o rei e a rainha são amados. Sua família é amada. Esse elemento afetivo humaniza imensamente a vida de um povo. Pode-se admirar um bom presidente, mas dificilmente ele chega a ser amado, mesmo porque, já que ele vai durar apenas um ou dois mandatos, mais vale a pena não se apegar demais a ele. Balduino e Fabíola, assim como Paola e Alberto, foram profundamente amados na Bélgica. Filipe e Matilde certamente também o serão. Quem viu, quando dos funerais do rei Balduino, todo um povo em lágrimas, unânime, desde os avós até os netos, sabe do que estou falando.



JOSÉ GUILHERME BECCARI

Bola fora – A Copa do Mundo está aí. A lei que a regula é a 12.663/2012. Entre seus 10 capítulos, um chama a atenção por parecer ter sido introduzido de modo forçado pelo ET homenageado pela “presidenta” Dilma na cidade mineira de Varginha, pois nada tem a ver com o espírito e a essência da lei. Entre as “Disposições preliminares”, “Da proteção e exploração de direitos comerciais”, “Dos vistos de entrada e das permissões de trabalho comerciais” etc., vem a seguinte preciosidade num inesperado “Capítulo IX, Disposições permanentes. Art. 37: É concedido aos jogadores, titulares ou reservas das seleções brasileiras campeãs das copas mundiais masculinas da FIFA nos anos de 1958, 1962 e 1970: I – prêmio em dinheiro; e II – auxílio especial



mensal para jogadores sem recursos ou com recursos limitados”. O artigo seguinte fixa o tal prêmio em R\$ 100 mil reais (!), mesmo quando morto o jogador, hipótese em que seria recebido pela família. Já o “auxílio especial mensal” completaria a renda mensal do jogador até que seja atingido o valor máximo do salário de benefício (por volta de R\$ 4 mil). E há mais: o implacável leão do Imposto de Renda não poderá abocanhar sua parte no prêmio por determinação da mesma lei. Favorecendo assim uma classe profissional das mais bem pagas do país, a presidente chuta para escanteio a dignidade dos demais desprivilegiados brasileiros, campeões mundiais em pagamento de impostos, que nada recebem em troca de seu governo.

Mestre escandalizado – Modesto Carvalhosa, advogado renomado e professor na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco (USP), com certeza não é monarquista. Pelo contrário, ao longo de seus 80 anos, apesar de lecionar numa faculdade fundada por D. Pedro I, sempre foi adepto das “ideias avançadas”. Entretanto, fez declarações ao “Jornal do Advogado”, de novembro/2013, que nós, monarquistas, de bom grado subscrevemos. Eis alguns trechos: “Hoje no Brasil os detentores do poder só pensam em eleição, não têm nenhum projeto moral de melhoria da sociedade, nenhuma conduta moral, nada disso interessa. A palavra honra, por exemplo, não se ouve mais, não existe mais. O sujeito é pilhado furtando milhões do Poder Público e em vez de se matar com uma garrucha, como faziam antigamente, não tem vergonha nenhuma. Vira e diz: Prove! [...] O corrupto não tem mais vergonha de ser corrupto perante a família, porque toda a família usufrui da corrupção. Ou seja, no país hoje temos a ausência completa do fato moral e da dignidade da honra como fatores fundamentais da conduta dos governantes em todos os níveis. Na administração pública há um nível de corrupção que abrange todos os setores. Não há exemplo, não há modelo. Os nossos políticos só pensam em eleição. Os da situação e os da oposição. Não há a menor preocupação com os valores morais”. Só faltou ao ilustre jurista dizer quando começou tamanha decadência. Então dizemos nós: 15 de novembro de 1889!

Propaganda enganosa – Os gastos governamentais com propaganda extrapolam todos os limites do razoável. Somando os governos Lula e Dilma, em 10 anos o montante chegou aos R\$ 16 bilhões, quantia suficiente para executar duas transposições do Rio São Francisco, que tiraria da miséria milhões de nordestinos, ou manter a tarifa dos ônibus de São Paulo congelada em R\$ 3,00 por 50 anos. Mas Dilma não está satisfeita, pois superou os gastos de seu antecessor em 23% na média dos últimos oito anos e vem num *crescendo*. As aparições da presidente nos horários nobres da televisão e rádio – verdadeira propaganda eleitoral fora de época – não contam, visto que tais meios são concessões públicas e, portanto, sujeitos a inserção em qualquer momento. Determinadas ações do governo, quando de interesse de todos, precisam de publicidade. É o caso de campanha nacional de vacinação, por exemplo. Mas, tirando casos pontuais muito específicos, é obrigação do detentor do poder fazer bom governo e não precisa exaltar-se a si próprio para ganhar a simpatia da população. E hoje nos deparamos com propagandas refinadas, criadas em laboratório por especialistas em *marketing*, as quais mexem com as mentes das pessoas, fazendo-as aceitar produtos da mais baixa qualidade. Qualquer comparação com o atual governo da República Federativa do Brasil é mera coincidência...

Gaza é aqui – Atente para a foto abaixo. Seria capital de algum Estado nordestino? Mar azul, amplas avenidas, muitos prédios... Esteja onde estiver, ninguém pode dizer que é uma metrópole decadente ou que precise de ajuda. Na verdade, encontra-se bem distante de nós, pois se trata da Faixa de Gaza, na Palestina. O Ministro da Saúde, Alexandre Padilha – o mesmo que importou os médicos cubanos – esteve lá para inaugurar um hospital construído (pasmem!) com o dinheiro do contribuinte brasileiro. Enquanto os nossos caem aos pedaços, com muitos pacientes atendidos, quando há médicos, no chão dos corredores, o governo brasileiro destinou R\$ 25 milhões de ajuda aos palestinos. “Com a doação do Brasil conseguimos construir um centro médico que prestará serviços à população do sul do distrito de Hebron e isso facilitará a vida de cerca de 200 mil pessoas, que antes tinham que viajar 35 km até a cidade e esperar por muito tempo em filas para obter atendimento”, declarou o médico palestino Nazih Abed ao site Terra. Com frequência o brasileiro tem que peregrinar de hospital em hospital para ser atendido, viajando centenas de quilômetros, perecendo às vezes no meio do caminho. Mas para nossos governantes isso não importa.



O que interessa é que conseguimos resolver o problema dos palestinos, que tinham de percorrer 35 km... Nenhuma autoridade admitirá, mas na verdade o que se pretendeu foi agradar um governo de esquerda que é seu alinhado ideológico. E mais uma vez o interesse partidário se sobrepôs ao nacional. Ainda que pereçam muitas vidas!